

CINEMATECA PORTUGUESA—MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM ROGÉRIO SAMORA
21 de fevereiro de 2022

LÁ FORA / 2004

um filme de Fernando Lopes

Realização: Fernando Lopes / **Argumento:** João Lopes, a partir de uma ideia original de Fernando Lopes / **Fotografia:** Edmundo Diaz / **Som:** Pedro Melo, Gérard Rousseau / **Montagem:** Jacques Witta / **Música:** Bernardo Sasseti, Kurt Weil, Alfredo Bianchi & Giovanni D'Anzi, Manuel Espírito Santo, Mark Cherrie / **Decoração, Guarda-Roupa:** Maria José Branco / **Anotação:** Jorge Cramez / **Assistente de realização:** José Maria Vaz da Silva / **Interpretação:** Alexandra Lencastre (Laura Albuquerque), Rogério Samora (José Maria), Ana Zanatti (Psicoterapeuta), Maria João Abreu (Catarina), Joaquim Leitão (Joaquim), Sofia Bénard (Sofia), Cristóvão Campos (Tiago), Miguel Jessen (Julião), Miguel Guilherme (Pimenta), Rui Morrison (João), Suzana Borges (Luísa), Núria Mência (Vanessa), João Paulo Santos.

Produção: Madragoa Filmes, Gemini Films (Portugal, França, 2004) / **Produtor:** Paulo Branco / **Direcção de Produção:** Fernando Centeio / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, 105 minutos / **Estreia comercial:** 1 de Abril de 2004, nos cinemas Fonte Nova, Millenium Alvaláxia, Monumental, Vasco da Gama, El Corte Inglés (Lisboa) / **Primeira exibição na Cinemateca:** 20 de Dezembro de 2006 ("Música e Músicos do Cinema Português: Bernardo Sasseti").

Para a sua oitava longa-metragem, **Lá Fora**, Fernando Lopes volta a um argumento original, após duas adaptações de obras literárias que são também dois dos seus melhores filmes, **O Fio Do Horizonte**, segundo António Tabucchi e **O Delfim**, segundo José Cardoso Pires. A **Lá Fora** seguir-se-á **98 Octanas**, também um argumento original (os dois escritos em colaboração com o crítico de cinema João Lopes).

A diferença entre este filme e os dois anteriores encontra-se exactamente na narrativa. **O Fio Do Horizonte** e **O Delfim** apoiam-se em sólidas narrativas, que se desenvolvem de uma forma coerente, tanto na evolução dos acontecimentos como no desenvolvimento das personagens. Será a falta de uma solidez semelhante o que separa **Lá Fora** dos seus antecedentes, e que impede que o filme pudesse ser o melhor (ou um dos melhores, porque lá está **O Delfim** para rivalizar com qualquer candidato) dos filmes de Fernando Lopes. Isto porque está recheado de óptimas ideias, não só no argumento como visuais, que um desenvolvimento errático não permite solidificar.

Desde logo o próprio ponto de partida de toda a obra que era, de certo modo, retomar as duas personagens principais de **O Delfim** para integrá-las num outro contexto, o do mundo

de hoje, e “confrontá-las” com as mudanças e transformações. Para isso, Lopes reuniu de novo o par de intérpretes que dera vida àquelas personagens, Alexandra Lencastre e Rogério Samora que nos surgem como Laura Albuquerque e José Maria, desenvolvimentos de Maria das Mercês e Tomás Palma Bravo do filme anterior. Se isto revela e manifesta o “movimento surdo” das ideias na obra de um autor, fazendo-as circular de um trabalho para outro, em termos práticos encontra a sua perfeita materialização no uso de Lencastre e Samora, que, no trabalho em conjunto, desenvolvem também uma espécie de “persona” cinematográfica que se poderia comparar à que enforma outros pares conhecidos do cinema clássico americano. Fernando Lopes aponta inclusive, numa entrevista, que essa ideia de “par” é uma das coisas que faltam (ou faltaram) no cinema português, evocando, por exemplo, no cinema americano a longa parceria formada por Spencer Tracy e Katharine Hepburn. Alexandra Lencastre e Rogério Samora formam, de facto, um par a que não falta um certo magnetismo que poderia ser aproveitado para outros filmes (não me custa imaginar uma espécie de “comédia sofisticada” ou *screwball*, com eles).

Temos, depois, o espaço em que o par se move, e, especialmente, aquele em que vive, que representa um toque de modernidade no cinema português, pois ninguém explorara, até então, um cenário semelhante, e a forma como ele representa um mundo e uma forma de vida de hoje: o condomínio fechado, permanentemente vigiado pelas câmaras de televisão do vigilante. Se esta imagem é banal no cinema americano, é inédita por cá e revela as grandes potencialidades que oferece para outros filmes. Este espaço fechado, que “isola” (deixando o mundo e os outros “lá fora”), tem o seu complemento no estúdio de televisão onde Laura trabalha. As personagens encontram-se apenas aqui, ou em circulação de um lado para o outro, nos seus automóveis. Um outro toque de modernidade dá ainda maior sentido ao enigmático título: a forma como comunicam entre si. Seja no carro ou nos apartamentos, eles falam com os outros através de comunicadores como se conversassem com alguém a seu lado. Na personagem de José Maria, corrector de Bolsa, tal sistema toma já a forma de um tique paranóico que se manifesta logo ao começo quando vai “interpelando” Laura que surge apresenta o telejornal, no ecrã da televisão, enquanto prepara uma tosta, como se ela estivesse “presente” (o que não deixa de estar “certo” numa civilização dominada pela imagem). **Lá Fora** é (ou melhor, poderia ter sido) a representação extrema da alienação contemporânea e da necessidade do amor para a superar. Tema eminentemente “antonioniano” a que Lopes procura ascender.

Para além disto, **Lá Fora** mostra que tecnicamente (para não falar na direcção de actores), Fernando Lopes talvez seja o melhor realizador português, com uma grande segurança narrativa, a que só falta, neste caso (mas de forma mais flagrante em **98 Octanas**), um “esqueleto” narrativo mais firme, com os seus bonitos e cuidados movimentos de câmara (que têm uma função específica, de “reveladores”, não sendo meramente decorativos), e planos perfeitos como os que exploram a piscina do condomínio, para o que é justo também destacar o trabalho do director de fotografia Edmundo Diaz.

Manuel Cintra Ferreira